



**Laboratórios Didáticos da Faculdade de Educação da USP (LabEduc)**

**Laboratório de Ciências Humanas e Meios de Condução de Trabalhos Práticos e**

**Similares (LabCH)**

**Cinema e o Ensino de História**

**Coordenação:** Profa. Dra. Dislane Zerbinatti Moraes

**Autoria:** Jaqueline Oliveira dos Santos

### **No tempo das diligências**

As experiências e sentimentos em torno da construção e expansão dos Estados Unidos no século XIX e da grande depressão de 1929 são pilares históricos de *No tempo das diligências*. História narrada e história vivida se cruzam intensamente na película. Filme de 1939 dirigido por John Ford com roteiro inspirado na obra *The Stage to Lordsburg* de Ernest Haycox: é considerado um dos grandes marcos do gênero conhecido como *western* ou *faroeste*. Esse é um dos grandes gêneros de filmes tidos como predominantemente ligados aos Estados Unidos e ao cinema que ali se produziu juntamente com o musical e máfia. Filmes de *faroeste* começaram a ser produzidos ainda no início do século XX, em sua primeira década, e viveram um período de grande sucesso de público até seu declínio duas décadas depois. Quando John Ford propôs a filmagem de *No tempo das diligências* para alguns produtores, ele teve dificuldade de aceitação devido esse contexto de pouca repercussão do gênero. Após a aprovação por um produtor independente, e da realização da película, esse filme mostrou-se um grande sucesso, reacendeu o interesse do público e indústria do cinema pelo gênero e mesmo fundou uma série de elementos hoje entendidos como próprios de um filme de *faroeste*. Além disso, é uma referência em termos técnicos e estilísticos: suas soluções de filmagem, como os planos longos, o manejo da câmera ou a elaboração de perfis para os personagens inspiraram cineastas ao longo dos anos: Orson Welles, diretor do aclamado *Cidadão Kane*, teria afirmado que assistiu mais de quarenta vezes *No tempo das diligências* para apreciar e apreender a técnica cinematográfica de Ford.

Os filmes de *western* passaram por uma releitura de outros diretores, como Sergio Leone, a partir da década de 1970, e foi criado outro modo de representar os cenários de fronteira: o *spaghetti western* ou *faroeste macarrônico*, ou ainda *bang-bang a italiana*,

produzido na Europa e, principalmente, Itália. Essas obras dialogaram com características do faroeste como a ideia de fronteira, homens solitários em busca de prestígio, ou apenas dinheiro, os cenários de terra por se conquistar, os vilarejos e as amplas paisagens. No entanto, alguns elementos são próprios: não há os indígenas como adversários centrais, por exemplo, e os mexicanos ganham destaque assumindo esse papel. As terras são outras e algumas características são resultado disso: alguns desses filmes foram gravados em terras altas e a há a presença de neblina em diversos deles - como um elemento característico. Outro ponto é o nome dos personagens e sua recorrência em várias produções: Django é um deles. Filmes famosos como *Por um punhado de dólares* (1964) e *Django* (1966), o primeiro de Sergio Leone e o segundo de Sergio Corbucci, são marcos e ainda hoje inspiram diversos cineastas como Quentin Tarantino - um admirador declarado de Leone. Para além, produções de faroeste tiveram inserção em outras mídias, como a televisão, e diversos seriados foram produzidos e exibidos sobretudo durante as décadas de 1960 e 1970. Há obras literárias, inclusive anteriores ao cinema, inspiradas no faroeste.

André Bazin, crítico francês de cinema, afirmou em um texto da década de 1950 que a permanência do gênero faroeste estaria ligada com algo além do sucesso de seus elementos formais. Ou seja, "[...] As cavalgadas, as brigas, homens fortes e corajosos numa paisagem austera e selvagem não bastariam para definir ou resumir o charme do gênero." (BAZIN, 2014, p. 239). Para ele, esses aspectos relacionam-se com aquilo de fundamental que constitui o faroeste: seus sentidos mitológicos. Outra ideia defendida pelo autor no mesmo texto é que existem sentidos de "verdade histórica" nesses filmes: na reflexão sobre o enredo, seus personagens e os significados ali tecidos haveria a possibilidade de se aproximar da História e de seu impacto na construção de seus elementos fundamentais, por exemplo, o que ele chamou de o mito da mulher. Nesse exemplo, Bazin pontua a representação das mulheres do Oeste como ora "puras" e "obedientes", caso principalmente das protagonistas, mas também com outras nuances e atributos presentes como seria o exemplo das donas de *saloon* ou aquelas que trabalham como prostitutas. Contudo, e em ambos os casos, haveria um sentido de tomar as mulheres como *a priori* corretas do ponto de vista moral, ou com a possibilidade de redenção, ainda que não parecesse dessa maneira no início da história contada. No caso de *No tempo das diligências*, Dallas, interpretada por Claire Trevor, é discriminada por conta da prostituição, mas revela ao longo do enredo características como generosidade e bondade, ausentes em outros personagens mais bem vistos socialmente, e o faz para auxiliar uma

pessoa que demonstra inicialmente desprezo por ela: a esposa de um oficial, Lucy Mallory (Louise Platt).

Se John Ford tece ali uma alternativa de compreensão de algumas das contradições da sociedade norte-americana daquele período, é possível tentar uma leitura dos lugares ocupados pelas mulheres nesse gênero cinematográfico. Ainda segundo o citado crítico de cinema: "[...] As mulheres, de cima a baixo da escala social, são dignas de amor, ou pelo menos de estima ou de piedade. A meretriz mais insignificante pode ainda ser redimida pelo amor ou pela morte - esta última, aliás, lhe é poupada em *No tempo das diligências* [...]" (BAZIN, 2014, p. 241). As variáveis que ajudariam a entender essa posição ambígua de exigência de determinado comportamento das mulheres, e estima por sua condição e papel desempenhados, se relacionaria com as características daquela região de fronteiras na qual o número populacional de mulheres era proporcionalmente baixo. Por outro lado, haveria uma questão de seu papel na garantia de futuro, seja biologicamente, por meio da gestação, ou moralmente. Os exemplos masculinos não teriam essa dimensão de largada e tendem a apresentar personagens fundamentalmente maus no contexto da histórica contada. Nesse sentido, é possível conversar com os alunos sobre papéis de gênero, e sua construção histórica no cinema, ou mesmo na história dos Estados Unidos, a partir de algumas cenas selecionadas ou mesmo dessa ideia geral de representação das mulheres e homens e o que se espera de cada um deles.

Outra ideia importante que podemos observar no filme, e discutir em sala de aula, diz respeito à conquista do Oeste pelo homem branco civilizador - sobretudo. Essa conquista implicou no enfrentamento de paisagens selvagens, e belas, da solidão e também o extermínio de milhares de indígenas que ali viviam. André Bazin estabelece algumas relações entre o mito civilizador e as ideias de conquista, civilização e cristandade, e um suposto estatuto de superioridade moral e técnica constituído ao longo dos anos daquele homem do Novo Mundo.

[...] O índio que a habita era incapaz de lhe impor a ordem do Homem. Ele só se tornará senhor dela identificando-se à selvageria pagã. O homem cristão branco, ao contrário, é realmente o conquistador, criador, de um Novo Mundo. A relva cresce por onde passou seu cavalo, ele vem implantar, a um só tempo, sua ordem moral e sua ordem técnica, indissoluvelmente ligadas, a primeira garantindo a segunda. A segurança material das diligências, a proteção das tropas federais, a construção de grandes estradas de ferro importam talvez menos que a instauração da justiça e de seu respeito. As relações da moral e da lei, que já não passam, para nossas velhas

civilizações, de um tema de vestibular, foram, há menos de um século, a proposição vital da jovem América. (BAZIN, 2014, p. 242)

O mito civilizatório de terras selvagens pelo homem branco, sua moral, tecnologia, cultura e lei; é traduzida pela linguagem cinematográfica a partir de seus recursos e dos pontos de vistas de seus criadores. Assim, vemos em parte significativa de filmes de faroeste planos longos em que as paisagens aparecem com grande destaque e mesmo protagonismo, e podemos observar a condição humana de algum desamparo e solidão diante da imensidão de suas montanhas e horizontes; ou os caubóis destemidos e com comportamento moralmente questionável, convenientemente, enfrentando o desconhecido e a si mesmos para conquistar sua terra ou uma recompensa. A construção de vilarejos isolados entre si naquelas terras seria, por outro lado, a representação da possibilidade de fixação daquelas populações de colonos em terras tidas como disponíveis para a conquista.

#### **A expansão da fronteira e o mito do velho oeste**

As relações entre homens e natureza naqueles estados do Oeste formularam sentidos para além do que seria viver naqueles espaços, ou melhor, enfrentar cotidianamente lugares a se explorar: antes trataram de uma ideia do que seriam os Estados Unidos da América. Foi o historiador do século XIX Frederick Jackson Turner, em seu artigo *O significado da fronteira na história americana*, que pesquisou e escreveu sobre as fronteiras do país como fronteiras móveis e em expansão para o Oeste. Nessa expansão, as experiências ali elaboradas no enfrentamento das populações nativas e da natureza formarão a especificidade do que é ser dos Estados Unidos - e não um europeu. Em suas palavras, "[...] A existência de uma área de terra livre, sua retração contínua e o avanço da colonização em direção ao Oeste explicam o desenvolvimento americano." (TURNER, 2004, p. 23).

Esta tese era relativamente simples: segundo seu autor, a existência de uma linha de fronteira e seu contínuo avanço em direção ao Pacífico explicava o desenvolvimento dos Estados Unidos. Para ele, a presença de *free lands* no Oeste atraía milhares de novos colonos à região, sequiosos em escapar do ambiente opressor do Leste. Ali, afastados da civilização e em contato com a natureza intocada (a *wilderness*), eles eram livres para perseguir a tão sonhada igualdade econômica e política – não existia nenhum entrave à ascensão do homem comum ao topo da pirâmide social, a não ser sua própria fraqueza. Deste modo, a democracia norte-americana era constantemente regenerada pelo processo de expansão, na medida em que os conflitos sociais eram escoados para a distante *frontier*. Além disso, a *wilderness* era responsável pela americanização do colono: sua identidade europeia era deixada para trás e ele renascia como o *homo americanus*, um novo ente cultural (eticamente europeu, mas culturalmente mestiço) completamente adaptado ao Novo Mundo.

AVILA, Arthur Lima de. **Da história da fronteira à história do Oeste: fragmentação e crise na Western history americana no século XX**. Texto na íntegra disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wLRP2y-1J2MJ:revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5076/2325+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b> Acesso em 22/10/2016

A fronteira é entendida por Turner como um espaço flexível e passível de mobilidade: a história dos Estados Unidos para esse autor é a história de sua expansão para a costa do Pacífico. Nesse movimento, questões sociais, culturais, econômicas e políticas teriam se constituído e se dariam a ver nos estudos de pesquisadores atentos a tais aspectos. Esse ponto de vista de tomar a expansão para Oeste como central para compreensão da história dos E.U.A. predominou na historiografia daquele país até aproximadamente as primeiras décadas do século XX, quando passou a ser compreendida especialmente como história regional.

No entanto, o imaginário constituído sobre o Oeste e essa relação com um local de formação e vivência do que seria a identidade norte-americana, e os sentidos de conquista e exploração do novo, repercutiram em diferentes esferas - como o cinema, por exemplo. Para além, à investida sobre aquela região, e aos embates e extermínios de indígenas, foram atribuídos sentidos civilizatórios de evolução do local e populações que ali habitavam. O mito civilizatório e seus diversos aspectos e efeitos, portanto, são parte da mitologia da "conquista do Oeste".

## Nove passageiros e uma diligência

Nos primeiros quinze minutos de filme somos apresentados a todos os personagens principais da história e seu conflito central: cada um deles, por um motivo particular e explícito nas cenas iniciais, tem interesse de partir de Bisbee (Arizona) e chegar a Lordsburg (Novo México), o destino final da diligência guiada por Buck (Andy Devine) a mando do xerife Wilcox (George Bancroft). Porém, para chegar ao seu destino, eles terão que atravessar as terras Apaches em que Gerônimo, seu líder, se encontra. De todos os personagens, apenas um não nos é mostrado nesses primeiros minutos: Ringo Kid (John Wayne), o protagonista da história juntamente com Dallas (Claire Trevor). Quando ele enfim surge no filme, por volta do minuto 18, aparece com grande destaque: a câmera desfocada aproxima-se rapidamente de cima para baixo, conferindo impacto ao seu surgimento. Antes de aparecer de corpo presente, já sabíamos quem era por conta de histórias mencionadas por outros personagens da trama: Ringo é um notório fora da lei e tem um objetivo particular, e doloroso, para querer tomar parte da viagem a Lordsburg.

Durante o percurso, a diligência para em poucos locais: quase sempre a vemos em movimento nas paisagens deslumbrantes, e plenas de sentidos, do Monument Valley - uma região dos Estados Unidos de rochas monumentais entre as fronteiras de Arizona e Utah. John Ford filmou diversas de suas obras naquela região a ponto de torná-la parte fundamental de seus filmes (e para além de uma locação). Em *No tempo das diligências*, o vale aparece como personagem importante que compõe o enredo: com planos bem abertos para mostrar a imensidão da paisagem, e o quão pequeno é o ser humano e seus objetos diante dela, Ford narra uma relação própria entre os homens e aquela região.



Região de Monument Valley

Fonte: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Monument\\_Valley#/media/File:Monumentvalley.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Monument_Valley#/media/File:Monumentvalley.jpg)> Acesso em 22/10/2016

Na travessia daquele vale, os nove passageiros da diligência progressivamente mostram-se, desvelam-se em suas peculiaridades e preconceitos. Suas histórias de vida não são contadas em detalhes, mas aos poucos identificamos elementos dessa trajetória em suas falas, seus modos de vestir e comportar, os objetos que portam, os lugares que são autorizados a ocupar numa mesa de jantar - por exemplo. Há, portanto, uma caracterização dos personagens ao longo da viagem, seus pontos de parada e retomadas: além disso, conhecemos os conflitos entre eles e podemos supor alguns sentidos para compreender suas motivações. Em outras palavras, é possível compreender aquela diligência como um microcosmo social e assim ler os personagens, suas falas e o que representam.

*"Nós somos vítimas dessa doença social chamada preconceito, minha criança"*

É do doutor Boone (Thomas Mitchell) a fala acima em que explica para Dallas a razão pela qual ambos foram expulsos daquele vilarejo por influência da Liga de Mulheres. Existem expectativas do que seria o comportamento e moral adequados para cada uma daquelas pessoas ainda que seja perceptível durante o filme o quão distante do ideal todas elas estão - inclusive os detratores de Boone e Dallas.

A aristocrática Lucy Mallory (Louise Platt), orgulhosa sulista e esposa de um oficial do exército, respeitada por sua condição social e altivez, demonstra interesse pelo galante Hatfield (John Carradine), ex-combatente pela Confederação na Guerra de Secessão, e agora jogador conhecido. Se doutor Boone tem sua capacidade profissional desmerecida devido o alcoolismo, ele se mostra sagaz e sarcástico na maior parte do tempo, possivelmente como estratégia de defesa, e demonstra suas qualidades de médico no atendimento emergencial de Lucy Mallory e outras situações limite. Todos os nove personagens centrais possuem nuances entre o que se esperaria deles a princípio, pelo que dizem ser, e aquilo que demonstram com suas atitudes e, mais lentamente, seus passados em parte desvelados. Isso também se aplica ao casal de protagonistas, Ringo e Dallas, dois entre os mais marginalizados inicialmente naquela sociedade. Serão eles que desempenharão em determinado momento um importante papel para o desfecho da história e a solução ali encontrada para alguns de seus principais conflitos (e entre eles, o ético).

Por fim, é interessante notar que um dos passageiros da diligência, o banqueiro Henry Gatewood (Berton Churchill), respeitável morador da vila por sua condição financeira e

casado com uma das líderes da Liga de Mulheres; foge daquela localidade rumo a Lordsburg carregando consigo uma grande quantia que havia sido depositada em seu banco por trabalhadores. Esses acontecimentos se passam naqueles quinze minutos iniciais do filme e situa uma contradição fundamental no modo de ser e se apresentar daquele homem. Na diligência, mostra-se como um respeitável cidadão norte-americano orgulhoso do exército, da lei e das instituições, mas em privado faz uso de sua facilidade de acesso a recursos para proveito particular. Essa característica é explorada por Ford inclusive no desfecho da história desse personagem. Há análises que apontam que esse banqueiro estaria ligado a uma crítica de John Ford ao papel do sistema financeiro durante os anos de governo de Franklin Delano Roosevelt. A posição política do diretor então, e sua crítica à especulação financeira e seu impacto social na Grande Depressão, expressar-se-ia na trajetória imoral de Gatewood e suas falas contrárias à intervenção do Estado sobre os negócios privados - posição defendida como necessária naquele momento da história dos Estados Unidos, as primeiras décadas do século XX pós quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929. As relações entre a história contada, e o contexto na qual se contou, são, assim, um dos elementos interessantes a se explorar na apreciação e interpretação dessa obra.

#### Para Saber Mais:

- *Trailer do filme disponível na web:*

< <https://www.youtube.com/watch?v=cPrYTjQLZeU> > Acesso em 15/10/2016

- *Para saber mais sobre a ficha técnica do filme e informações sobre direção, roteiro, elenco, galeria de imagens e curiosidades:*

Site em inglês: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1834/> Acesso em 15/10/2016

Site em português: <http://www.imdb.com/title/tt0031971/> Acesso em 15/10/2016

- *Para ler algumas resenhas com mais informações sobre a história e opiniões de seus autores:*

<https://cinemaedebate.com/2011/08/08/no-tempo-das-diligencias-1939/> Acesso em 15/10/2016

<http://www.planocritico.com/critica-no-tempo-das-diligencias/> Acesso em 15/10/2016

- No *podcast* um grupo de críticos e apreciadores de cinema comentam detalhes e passagens da produção e enredo de *No tempo das diligências*, de John Ford, e ampliam seus comentários para outras obras do gênero western que dialogam em alguma medida com aquele filme. Nessa conversa eles citam detalhes e desfechos de alguns filmes.

<http://www.cinemaemcena.com.br/Podcast/Ouvir/207/podcast-116-no-tempo-das-diligencias-e-a-revolucao-do-western>

- Referências completas dos textos citados do crítico de cinema Bazin e do historiador Turner:

BAZIN, André. O *western* ou o cinema americano por excelência. In: \_\_\_\_\_. **O que é o cinema?** São Paulo: Cosac Naif, 2014; p. 237 - 246.

TURNER, Frederick Jackson. O significado da fronteira na História Americana. In: KNAUSS, Paulo (Org.). **Oeste Americano**. Rio de Janeiro: Editora UFF, 2004; p. 23 - 54.